

**SABERES  
COMPARTILHADOS:  
A UTILIZAÇÃO  
DO MÉTODO  
RECEPCIONAL EM  
SALA DE AULA A  
PARTIR DA OBRA *BISA  
BIA, BISA BEL*, DE ANA  
MARIA MACHADO**  
*SHARED KNOWLEDGE:  
THE USE OF THE  
RECEPTIONAL METHOD  
IN THE CLASSROOM  
FROM THE WORK *BISA  
BIA, BISA BEL*, BY ANA  
MARIA MACHADO*

**Ângela Maria da Silva Elias <sup>1</sup>  
Aroldo José Abreu Pinto <sup>2</sup>**

---

1 Professora de Língua Portuguesa e Literatura da Rede Estadual do Estado de Mato Grosso. Mestre em Estudos Literários pela Universidade Estadual do Mato Grosso. Doutoranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Literários/ PPGEL. Email: angela.elias@unemat.br

2 Doutor em Letras pela UNESP/Assis-SP. Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade do Estado do Mato Grosso/UNEMAT, Campus de Tangará da Serra-MT. Professor do Departamento de Letras, Campus da UNEMAT de Tangará da Serra-MT. e-mail: aroldoabreu@unemat.br. Este trabalho está inserido em um projeto mais amplo realizado junto ao acervo do escritor Ricardo Ramos e denominado “Acervo de Ricardo Ramos: disponibilização e organização de 1975 - 1980”, financiado pela UNEMAT/PRPPG e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq – Brasil.

*A leitura de bons livros, além de toda a força da experiência estética vivida, de intenso conteúdo emocional, nos dá algo extraordinário: ensina a tolerância a cada indivíduo e nos facilita o convívio com a diversidade cultural e social (MACHADO, 2011, p. 27).*

**RESUMO:** Esse trabalho faz parte de uma pesquisa de literatura realizada na Escola Estadual “Professor João Batista”, do município de Tangará da Serra-MT. O objetivo foi investigar a recepção da obra *Bisa Bia Bisa Bel*, de Ana Maria Machado, numa turma de 9º ano com 35 alunos, utilizando o Método Recepcional segundo os pressupostos de Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira Aguiar, presentes no livro *Literatura – A formação do leitor* (1998). Para conhecer o público leitor da obra e estudantes, realizamos os questionários sociocultural e socioeconômico. Fizemos um diagnóstico sobre o que constitui o horizonte de expectativas, como o meio social do leitor, a posição que ele ocupa na sociedade e as pessoas que o acompanham, o meio intelectual, o meio ideológico, incluindo seus hábitos e costumes, a linguagem de que se utiliza, isto é, o cuidado que o leitor tem com a língua, se preza pela norma culta ou não, decorrente de seu nível de instrução e o meio literário, proveniente das leituras que já fez no decorrer de sua existência, definindo, assim, suas preferências, temas e assuntos que mais lhe interessam. Conhecer a realidade do público que trabalhamos é fundamental, pois a teia do mundo e a linguagem que é rebatida ficam pinçadas, por associações da memória e de textos, que alinhavam uma história que vem antes e segue por nossas mãos tricotadas compartilhando saberes.

**Palavras-chave:** Leitura; Literatura juvenil; Método Recepcional; horizonte de expectativas; Ana Maria Machado.

**ABSTRACT:** This work is part of a literature survey carried out at the State School “Professor João Batista”, in the municipality of Tangará da Serra-MT. The objective was to investigate the reception of the work *Bisa Bia Bisa Bel*, by Ana Maria Machado, in a 9th grade class with 35 students, using the Receptional Method according to the assumptions of Maria da Glória Bordini and Vera Teixeira Aguiar, present in the book *Literature – A reader formation* (1998). To get to know the readership of the work and students, we carried out sociocultural and socioeconomic questionnaires. We made a diagnosis about what constitutes the horizon of expectations, such as the reader’s social environment, the position he occupies in society and the people who accompany him, the intellectual environment, the ideological environment,

including his habits and customs, the language of that is used, that is, the care that the reader has with the language, is valued by the cultured norm or not, due to his level of education and the literary environment, resulting from the readings he has already done during his existence, defining, thus, your preferences, themes and subjects that most interest you. Knowing the reality of the public we work with is fundamental, as the web of the world and the language that is bounced are pinched, by associations of memory and texts, which aligned a story that comes before and continues through our knitted hands sharing knowledge.

**Keywords:** Reading; Youth Literature; Reception Method; horizon of expectations; Ana Maria Machado.

### Considerações iniciais

O trabalho em destaque faz parte de uma pesquisa realizada na Escola Estadual “Professor João Batista”, do município de Tangará da Serra-MT. Essa pesquisa investigou a recepção da obra *Bisa Bia Bisa Bel*, de Ana Maria Machado, numa turma de 9º ano com 35 alunos. No primeiro momento, diagnosticamos o que constitui o horizonte de expectativas, isto é, o meio social do leitor, a posição que ele ocupa na sociedade e as pessoas que o acompanham, o meio intelectual, o meio ideológico, incluindo seus hábitos e costumes, a linguagem de que se utiliza, isto é, o cuidado que ele tem com a língua, se preza pela norma culta ou não, decorrente de seu nível de instrução e o meio literário, proveniente das leituras que já fez no decorrer de sua existência, definindo, assim, suas preferências, temas e assuntos que mais lhe interessam.

Nessa etapa, foi feito o levantamento dos valores que os alunos prezavam, compreendendo suas preferências diante do exposto acima. Os nomes dos alunos são fictícios, sendo Leitor

1, Leitor 2, e assim por diante. A caracterização deu-se com a nomenclatura apresentada e a numeração para diferenciar os leitores, a idade e o gênero, sendo M para masculino e F para feminino, todos pertencentes ao 9º ano no momento da pesquisa.

Diante do questionário sociocultural e econômico, pudemos perceber que a maioria dos alunos entrevistados mora em casa própria. As casas se dividem ao entorno e em bairros mais distantes da escola. Na maioria das famílias pesquisadas, quatro ou mais membros moram na mesma residência, sendo diversificada entre moradias simples e medianas, situadas na zona urbana. Embora algumas residências sejam simples, não faltam eletroeletrônicos mais comuns. Segundo o questionário, todas as casas têm geladeira (algumas até duas), televisão, algumas em tela plana e há mais de uma também, acompanhada de televisão por assinatura na maioria delas. Máquina de lavar todas têm e em algumas ainda há até duas, se considerarmos o popular “tanquinho”. O celular está presente em todos os lares, sendo na maioria um exemplar para cada membro da família, mas nem todos têm acesso à internet. Nem todas as casas possuem computadores, mas está presente na maioria e com *internet*, o que pode contribuir para ajudar nas atividades de pesquisa. Um dos meios de transporte mais utilizados é a bicicleta, porém há um percentual significativo que diz andar a pé, com exceção dos que têm moto ou um carro. Os pais trabalham em funções variadas, desde gari a advogado, incluindo o que mais predomina que são os trabalhadores de fazendas. Segundo o questionário, há somente um desempregado. Em torno de 50% (cinquenta por cento) das mães trabalham no serviço do lar, sem ter nenhuma remuneração, embora a outra metade se divida em funções variadas.

Os alunos, na sua maioria, dizem gostar de estudar, mas quando analisamos o questionário, vemos que a maioria leu em torno de dois a três livros no ano de 2017, número considerado baixo para um público que estava participando de um projeto de leitura na escola. Considerando que eles disseram estudar entre uma e duas horas por dia em casa, enxergamos o limiar de um novo horizonte ao que estamos acostumados ver. A expectativa aumentou ainda mais quando perguntamos sobre o nível de estudos que querem alcançar e a maioria disse que gostaria de um dia chegar ao doutorado. Com essa resposta, notamos a importância da inserção de um projeto de literatura no ambiente escolar, uma vez que nesta escola havia o projeto “Chá Literário”, que trouxe a proposta de aproximar a universidade ao chão da escola, fazendo com que o aluno despertasse o interesse em ir além da educação básica e percorrer os diferentes caminhos do saber.

Ainda segundo o questionário, quem mais incentivou esses alunos a ler foram as mães e não os professores. Porém, segundo os próprios alunos, elas próprias não têm o hábito da leitura e o momento da leitura acontece em sala de aula. Observamos também que a maioria vai à biblioteca porque gosta de ler e não porque é obrigado. Com isso, percebemos uma incoerência diante das respostas. Gostam de ler, mas ainda há pouca leitura dos alunos, uma vez que em sala de aula eram feitas as leituras de contos para adequar ao tempo. Nesse percurso, a maioria dos alunos leu por completo pela primeira vez uma obra de literatura juvenil brasileira, *Bisa Bia Bisa Bel*; outros, nem essa obra conseguiram ler na íntegra e, outros ainda, leram o livro no formato virtual, sem considerar os aspectos da ilustração.

Quando perguntamos sobre o tipo de livro que mais gostavam, responderam que era aventura e suspense, características mais marcantes nos contos lidos por eles e não na obra.

Conhecer a realidade do público que trabalhamos é fundamental, pois a teia do mundo e a linguagem que é significada fica pinçada por associações da memória e de outros textos, que alinhavam uma história que vem antes e segue por nossas mãos tricotadas compartilhando saberes.

Diante da pesquisa realizada, constatamos o quanto as vivências dos indivíduos são parte essencial para que o processo da leitura e da compreensão aconteçam, pois é o leitor que dá sentido à obra diante da sua história de vida e de leitura. Foi pensando nisso que nos propusemos a utilizar o método recepional com um grupo de alunos da Escola Estadual “Professor João Batista”, oferecendo-lhes primeiramente a leitura de contos regionais, uma vez que este grupo encontrava-se totalmente desmotivado à leitura e, após seis meses de leitura dos contos, introduzimos a obra juvenil de Ana Maria Machado (2002), reputada pelo FNDE e também por nós, enquanto pesquisadores, como uma obra esteticamente elaborada, dando aos alunos a possibilidade de leituras e discussões sobre tal obra para, assim, percebermos se estes conseguem preencher os vazios do texto e permitir que estes ampliem seus horizontes de expectativas, fazendo diferença no seu cotidiano. Para tanto, utilizamos, como já dito, o método recepional, segundo os pressupostos de Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira Aguiar, presentes no livro *Literatura – A formação do leitor* (1998), que estão diretamente ligados à Estética da Recepção de Jauss e Iser. Sendo assim,

A atitude de interação tem como pré-condição o fato de que texto e leitor estão mergulhados em horizontes históricos, muitas vezes distintos e defasados, que precisam fundir-se para que a comunicação ocorra. São estes os quadros de referências antes aludidos, a que Hans Robert Jauss chama de *horizontes de expectativa* (BORDINI; AGUIAR, 1988, p. 83, grifo do autor).

Nessa perspectiva utilizamos o método recepcional como mediador com a intenção de conhecer a realidade dos leitores/alunos e, a partir desta, organizamos a execução do trabalho em pelo menos cinco etapas que passamos a explicitar.

### **A determinação do horizonte de expectativas**

Para determinar o horizonte de expectativas, fez-se necessário um contato mais próximo com os alunos por meio de reuniões com o grupo de pesquisas sobre a situação avaliativa destes na instituição escolar, questionários, além de diálogo com a técnica responsável do atendimento à biblioteca para observar a frequência dos alunos neste ambiente.

Em relação ao meio literário, ficou claro, pelas observações da maioria, que os alunos têm o apoio dos pais para a leitura, embora estes não sejam exatamente exemplos de leitores ou modelos a serem seguidos, pois possuem o papel de prover as leituras, mas são pouco coparticipes do processo. Os professores, por seu turno, também não são os maiores incentivadores da leitura. Alguns disseram que, entre eles, apenas a professora de língua portuguesa motivava-os para este fim. Em reunião com os alunos, estes disseram que o projeto “Chá Literário” foi um ponto positivo para despertar o interesse no mundo da literatura. O

PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola apresenta dois projetos estimulando a leitura, um direcionado ao público do 3º ao 5º ano, intitulado “Da emoção de ler a descoberta do prazer”; o outro envolve o público do 9º ano e Ensino médio intitulado “Chá Literário”. Assim, os alunos demonstraram dar seus primeiros passos na descoberta do universo literário.

A biblioteca da escola é um espaço pequeno para reunir um grupo de 35 (trinta e cinco) alunos para realizar estudos, pois neste ambiente há apenas duas mesas, sendo um lugar insuficiente para acolher um grupo numeroso. Há uma técnica atendente bastante solícita e um professor pedagogo em desvio de função que auxilia na organização dos empréstimos das obras para que o grupo de alunos tenha acesso a elas. Por meio dessa técnica atendente foi possível ter a informação sobre a procura de livros para leitura. Essa informação era registrada em fichas individuais para controle dos empréstimos dos livros. Ao observar a ficha de alguns alunos, notamos que há uma quantidade maior de livros lidos do que respondido no questionário por nós apresentado. É possível que alguns livros fossem levados para casa, mas não fossem lidos. Assim, agregamos tais informações para conhecer melhor o grupo de estudantes.

Para determinar o horizonte de expectativa dos alunos pesquisados foi feito, portanto, todo esse levantamento que, aliado ao contexto sociocultural e econômico, e ao levantamento do que foi lido no ano de 2017 pelos alunos da Escola Estadual “Professor João Batista”, conforme relatado acima, ofereceu-nos os primeiros subsídios de pesquisa. Nesse momento, concluímos que os gêneros mais procurados foram suspense e aventura e os contos, por sua vez, os mais lidos, por se tratar de leituras mais

curtas talvez, além de serem histórias que tratavam de seres imaginários, mas com fatos relacionados às vivências dos leitores. Com isso, pudemos vislumbrar o horizonte de expectativas dos alunos e buscar caminhar em direção a segunda etapa.

### **O atendimento ao horizonte de expectativas**

Através dos resultados dos dados colhidos na etapa anterior, foi possível verificar que os interesses se dividiam. Então a professora de Língua Portuguesa apresentou aos alunos do 9º ano alguns autores e obras nacionais e regionais. Sendo nacionais, os romances de Ana Maria Machado, com as obras: *Amigo é Comigo* (2009), *Do Outro Mundo* (2002), *Bem do seu tamanho* (2003) e *Bisa Bia Bisa Bel* (2002); e Graciliano Ramos, com a obra *A Terra dos Meninos Pelados* (2002). E ainda, Lígia Bojunga, com a obra *A Bolsa Amarela* (2002); e Monteiro Lobato com a obra *A Chave do Tamanho* (2012). No cenário da literatura regional, apresentamos o gênero textual conto. Elegemos três autores mato-grossenses: Agnaldo Rodrigues da Silva, com as obras *Mente Insana* (2008) e *Dose de Cicuta* (2011). Eduardo Mahon, com as obras *Contos Estranhos* (2017) e *Dr. Funéreo* (2014); e Marta Cocco, com a obra *Não Presta Pra Nada* (2017). Ao apresentar essas obras aos alunos, houve um avanço no despertar pela leitura e aprofundamento nos textos literários.

A maioria elegeu *Bisa Bia Bisa Bel*; outros optaram por continuar lendo obras com contos, mas aceitaram o desafio de participar dessa leitura. Dessa forma, imaginamos que esta obra supostamente atenderia ao horizonte de expectativas dos alunos pesquisados. A partir desse interesse, organizamos uma reunião com um grupo de 35 alunos participantes. A técnica da biblioteca

também participou e disse que havia apenas 15 exemplares da obra e que, em função disso, iria fazer um rodízio do empréstimo do livro. Alguns disseram que prefeririam ler virtualmente, outros compraram a obra e outros ainda buscaram na biblioteca municipal. Todos tiveram prazo de 30 (trinta dias) para a leitura do texto. Terminado esse prazo, reunimos novamente o mesmo grupo na biblioteca para então discutirmos sobre o livro e, assim, percebermos se este de fato atendia ao horizonte de expectativas ou não. Segundo Bordini e Aguiar,

[...] No ato de produção/recepção, a fusão de horizontes de expectativas se dá obrigatoriamente, uma vez que as expectativas do autor se traduzem no texto e as do leitor são a ele transferidas. O texto se torna o campo em que os dois horizontes podem identificar-se ou estranhar-se (1988, p. 83).

Nesse momento, portanto, os alunos já haviam chegado à recepção da obra e seu horizonte de expectativas já havia sido provocado pela entrada em contato com o horizonte do autor, permitindo que, através da leitura, começassem a expor aquilo que pensavam sobre aquele texto que supostamente atendia ao seu horizonte. Notamos que a leitura dos contos estava muito arraigada em suas memórias, pois alguns acharam, inclusive, que a obra era um conto, mesmo trazendo em sua capa, numa tarja verde, a identificação do gênero, destacado como novela. Constatamos esse fato na fala da aluna

**Leitor 01**, 14, F: Apesar de achar a história incrível e razoável, não gostei da falta de detalhes apresentadas no conto.

Verificamos a recepção desses através de algumas partes do questionário feito, diante da pergunta “O que você achou do texto?”. É importante mencionar que todos os alunos responderam todas as perguntas, embora deixássemos à vontade para participar do debate no momento em que quisessem. Sendo assim, dos 35 (trinta e cinco) alunos, apenas três disseram não gostar do texto, os demais responderam positivamente. Como vemos a seguir:

**Leitor 02, 14, M:** Achei interessante, porque é uma história que junta gerações de uma família que tem muito pra contar.

**Leitor 03, 14, F:** Eu achei o livro muito interessante, porque ele trabalha muito com a imaginação, fantasia, curiosidades e descobertas.

**Leitor 04, 14, F:** Interessante, porque a maioria dos livros fala somente do passado ou do presente. Bisa Bia, Bisa Bel falam em três períodos diferentes, deixando o livro interessante, ao invés de confuso.

**Leitor 05, 14, F:** Eu achei muito interessante, pois, ela tem um contato muito forte com sua bisavó, e com isso elas aprendem muito uma com a outra.

**Leitor 06, 14, F:** Quando eu comecei a ler achei muito chato e sem graça, mas quando eu fui lendo comecei a gostar e entender.

**Leitor 07, 15, F:** é um livro muito bom, pois podemos entrar na história e nos imaginar ao lado dos personagens, fazendo as mesmas coisas que eles. Achei extraordinário o modo que a garota redescobre o passado, recuperando o mesmo, aprecia o futuro e aprende a conviver consigo mesma, sem sair do presente.

Essa apreciação nos remete a uma espécie de sobrevoo, onde o tempo e o espaço correspondem perfeitamente ao objetivo

de destacar a atualidade e a importância de Ana Maria Machado. A conexão do leitor com a obra fez-nos atentos aos meandros da linguagem literária, pois, “podemos postular que a consciência da tradição representada pelas gerações que se reconhecem em diálogo - expresso ao mesmo tempo por permanências e por rupturas - constitui a marca mais essencial de um sistema literário maduro” (PEREIRA e ANTUNES, 2004, p.16).

Alguns alunos não apreciaram a leitura do livro de Ana Maria Machado,

**Leitor 08, 14, M:** Eu não gostei.

**Leitor 09, 14, M:** Não gostei, porque achei sem graça.

**Leitor 10, 14, M:** Não. Não é o gênero que eu gosto não me agradou.

Essas falas nos mostram que uma obra esteticamente elaborada exige do leitor certa imersão, pois deixa espaços em branco onde o leitor deve integrar-se, porém nem todos conseguem interagir e preencher os vazios deixados pelo autor, uma vez que cada indivíduo está inserido em níveis diferentes de leitura no meio sociocultural. Verificamos que para alguns há um esforço por dar conta do literário, para outros falta atitude de ir além do conteúdo codificado pela linguagem. Parece-nos que não saíram ainda da sua zona de conforto ou não estão acostumados a “pensar”, no caso da descrição dos alunos acima, destacadamente em maior número do sexo masculino.

Outros alunos ficaram divididos e acreditamos que isso seja devido à vivência e à experiência de cada um, se observarmos suas falas em relação ao questionário socioeconômico, por

exemplo. Nesse contexto, cada um apresentou sua forma de sentir e expressar. Ora acharam interessantes, mas sem sentido, ora bom, mas confuso. Dessa forma, parece não terem conseguido formar suas opiniões sobre o livro, o que possivelmente colocaria também suas ideologias em xeque, o que denota uma leitura ainda sem o devido mergulho completo nas nuances do texto.

**Leitor 11, 14, M:** Interessante, meio sem sentido, o que dá curiosidade de continuar a leitura.

**Leitor 12, 14, F:** É bom, mas um pouco confuso e tem uma falta de detalhe sobre os personagens.

Observamos que o leitor 11, mesmo considerando a obra “meio sem sentido”, destaca que este aspecto incita-o a continuar a leitura. Já a leitora 12 diz que é confuso por falta de detalhes. Talvez não tenha lido a obra na íntegra, pois sabemos que há riquezas de detalhes na narrativa provinda do narrador personagem.

Ao revelar o seu segredo em tom de conversa ao pé do ouvido do leitor virtual, logo no início da história, a personagem-narrador faz desse leitor um cúmplice, um amigo, uma companhia para seus delírios que vão sendo externalizados no decorrer da história. E o leitor real, no ato da leitura, incorpora o leitor virtual e acompanha Isabel pelas andanças da sua mente sempre em movimento (PEREIRA; ANTUNES, 2004, p. 72).

É perceptível que o divisor de águas para compreensão do texto está no amadurecimento do leitor e para atender ao horizonte de expectativas dos alunos esta barreira inicial precisa

ser superada. Notamos que a obra foi interessante para a maioria, mas como estamos no campo da diversidade intelectual e cultural, nem todos estão no mesmo nível, porém, caminham para o ingresso na leitura literária e isso já é satisfatório para um pesquisador.

### **A ruptura do horizonte de expectativas**

Nessa etapa, os textos foram apresentados de forma a abalar as certezas e convicções dos leitores, de maneira que pudessem começar a refletir sobre o que leram. Numa das perguntas dos questionários, indagamos sobre a personagem que mais os desagradou e talvez aqui a ruptura do horizonte de expectativas se dê não pelo contexto da obra, mas por fatores que desagradaram a perspectiva do leitor, como podemos observar nos depoimentos abaixo:

**Leitor 13, 14, M:** Eu não gostei da neta Beta, porque ela chega na história quebrando o clima antigo e o romantismo.

**Leitor 14, 14, F:** Foi a neta Beta, porque ela desmotivava Bel.

**Leitor 15, 14, F:** A bisavó Beatriz, porque ela dava opinião quando não devia.

**Leitor 16, 14, F:** A Bisa Bia porque ela era muito ultrapassada do tempo de Izabel.

**Leitor 10, 14, M:** Ela falar com uma foto e a foto respondê-la, um tanto quanto estranho.

**Leitor 18, 14, F:** O Sérgio, porque ele desafia ela quando estava com os amigos.

As rupturas se diferenciam por contextos, mas agregam semelhanças entre o público receptor da obra. Os adolescentes

se sentiram parte de uma sociedade, exercitando vivências e experiências. Alguns com a desmotivação por parte de uma das personagens; outros com a valorização do passado e, uma vez que estão em busca do que é novo, surge o estranhamento ao se depararem com os vazios do texto, as quebras de tradição, entre outras questões e temáticas presentes na narrativa que poderíamos trazer à tona.

Bisa Bia Bisa Bel é o que se poderia chamar um livro feminista, não apenas porque traduz o processo de independência da mulher ao longo da história, marchando do convencionalismo e obediência de Bia à completa autonomia e autoconfiança de Beta. Mas também porque eleger um ângulo feminino para traduzir essas questões, revelando como o processo de liberação nasce de dentro para fora, não por ensinamento, mas enquanto resultado das experiências vividas (ZILBERMAN, 2005, p. 85).

Pode-se observar que quase a totalidade dos informantes leitores não consegue ir muito além e perceber a profundidade do trabalho representativo de Ana Maria Machado. Quando questionamos se a leitura era fácil, também percebemos as expectativas por parte de alguns alunos.

**Leitor 19, 14, M:** Não porque tinha palavras que expressava algo que na vida real não usamos.

**Leitor 15, 14, F:** Não, precisei de dicionário, pois algumas palavras eram confusas.

**Leitor 13, 14, M:** Não porque é uma leitura demorada e a autora deve ter demorado para escrever também.

A aluna, Leitor 15, por exemplo, disse que a leitura se tornou confusa devido à não compreensão de algumas palavras. Falta, portanto, vocabulário. O aluno, Leitor 19 associou as palavras difíceis à não utilização destas na realidade, provavelmente referindo-se ao contexto da época da *Bisa Bia*, como apresenta no quarto capítulo da obra *Bisa Bia Bisa Bel* (2002). Não se dá conta, porém, que este é um dos melhores recursos da autora para sair de um tempo e marcar outro, relacionando nomes de objetos e alimentos que existiram somente no tempo da bisavó e que hoje não são mais usados por estarem supostamente ultrapassados. O aluno Leitor 13 considerou a leitura muito demorada. Esse fator por si só demonstra o quanto somente este se ateu ao aspecto externo e palpável, não contribuindo para a quebra do seu horizonte de expectativas. Alguns leitores, portanto, colocaram-se perante o texto e expuseram sua opinião sobre a estrutura textual. Porém, segue a pergunta: conseguiram se colocar diante da obra até que ponto? Isso os fez romper barreiras e passar a questionar as visões sobre si mesmo e sobre a sociedade? É o que tentaremos observar a seguir.

**O questionamento do horizonte de expectativas**

Com o debate da obra lida, pelo menos alguns dos leitores parecem ter conseguido romper alguns elementos que configuram seus horizontes de expectativas, pois passaram a questionar o que estavam lendo, procurando saber por que a leitura foi agradável ou não. Alguns perceberam que era um texto “difícil”, com uma linguagem “mais elaborada” ou não. Assim, começaram a se preparar para a próxima fase de percepção da obra, mesmo sem se dar conta disso. O livro parece ter provocado a admiração de alguns

dos leitores pela possibilidade de ampliar o seu conhecimento, de torná-lo um ser melhor dentro da sociedade em que está inserido, mesmo tendo ainda um grau maior de dificuldade para entender e processar o que isso significa: “Supõe-se, portanto, que os textos de melhor realização artística tendem a ser vistos como difíceis num primeiro momento e, devidamente decifrados, a provocar a admiração do leitor” (BORDINI; AGUIAR1988, p. 90).

Quando questionamos sobre qual seria o assunto mais importante do livro, as respostas foram diversas, trazendo à tona temas como: amor, respeito, diálogo, imaginação, conflitos, namoro, relacionamento, transição das fases da vida.

**Leitor 22, 15, F:** A conexão da Izabel com sua bisa, ela gostou tanta da bisa a ponto de fazer dela parte de si, mesmo com todas as diferenças, ela continuou amando sua bisa.

**Leitor 07, 15, F:** Este é um livro no qual podemos nos refletir e ver que a convivência e a união com certeza “faz a força”.

**Leitor 10, 14, M:** Que devemos respeitar e entender o passado e o futuro.

**Leitor 18, 14, F:** Quando ela começa a conversar com sua bisavó Bia.

**Leitor 03, 14, F:** O assunto mais importante do livro é a imaginação dela.

**Leitor 27, 14, F:** O conflito, ou seja, a transição.

**Leitor 15, 14, F:** Quando a Bisa Bia fala sobre o namoro e cavalheirismo.

**Leitor 29, 14, F:** Ter contato com pessoas mais velhas.

Destaque-se que uma das alunas explicita em sua fala que “é um livro no qual podemos refletir e ver que a convivência

e a união com certeza *fazem a força*”. Ela apresenta grifos para reforçar que as reflexões sobre o tipo de convivência apresentada na história entre a bisavó e a bisneta nos levam a pensar na força para enfrentar o mundo, quer para construir nossa identidade, quer para assumir a condição feminina em tempos em que a mulher ainda não tem voz ativa.

Os comentários provocam a faculdade de julgar de duas maneiras: enquanto excluem qualquer julgamento inequívoco dos eventos, criam lacunas que, por sua vez, admitem muitos juízos de diferentes *nuances*; mas esses não são de todo arbitrário, porque o autor delinea, através de seus comentários, as alternativas possíveis para o leitor. Tal estrutura envolve o leitor no processo de avaliação, mas, ao mesmo tempo, controla a avaliação desse leitor (ISER, 1996, p. 18, grifo do autor).

Diante dos assuntos expostos, é visível como os alunos interagiram com o texto, levantando de fato temas que fizeram alvoroçar os conhecimentos internos de cada um. Cada qual trouxe para a mesa de debate suas próprias vivências, suas ideologias morais, seu modo de pensar, colocando o texto dentro da sua realidade. As indagações vieram à tona sem a provocação constante do pesquisador, elas fluíram de dentro do próprio leitor, pois “são os vazios, a assimetria fundamental entre texto e leitor, que originam a comunicação no processo de leitura” (LIMA, 2001, p. 88). Houve de fato um diálogo com a obra, com o autor, pois este não determinou pontos fechados, mas deixou o texto aberto para que o leitor se tornasse coautor da obra e segundo Lima, (2001, p. 60) “a experiência estética não se distingue apenas do lado de sua produtividade, como *criação através da liberdade* (...), mas também do lado de sua receptividade, como *aceitação em liberdade*”.

Diante do exposto, compreendemos que o significado do texto é uma relação simétrica entre texto e leitor e, dessa interação, nasce o sentido, então: “O texto, quanto mais se distancia do que o leitor espera dele por hábito, mais altera os limites desse horizonte de expectativas, ampliando-os” (BORDINI; AGUIAR 1988, p. 87). O questionamento, portanto, parece ter ocorrido pelo menos em parte graças ao assunto abordado e a forma como foi abordado, mas seria suficiente para ampliar o horizonte de expectativas desses leitores?

### **A ampliação do horizonte de expectativas**

Esse é o último ponto da aplicação do método recepcional, momento em que o aluno já interagiu com os textos e está pronto para evidenciar se houve a ampliação do seu horizonte de expectativas, se isto de fato ocorreu. É o momento de observar então a presença da *poiésis*, da *aisthesis* e da *katharsis*, sendo a *poiésis* o prazer que o leitor sente diante da obra, se sentindo coautor dela, a *aisthesis* possibilitando uma nova visão do mundo que o rodeia e a *katharsis* que leva o leitor a mudar a sua atitude em relação ao mundo em que vive. Quando questionamos se conheciam alguém parecido com a bisneta Isabel, observamos, na fala de uma das alunas, que o processo de interação com o texto fez com que a citada leitora se sentisse autora da história, pois,

**Leitor 22, 15, F:** Acredito que a Bisneta Izabel sou eu na minha infância, entre meus 5 e 12 anos de idade. Bisa Bia é bem parecida com minha avó. Os ensinamentos dela me ajudaram a ser quem sou hoje e a pensar no meu futuro.

Desse modo, percebemos que o leitor atualiza e constrói o objeto estético por meio dessas marcas formais e entra em um mundo de ficção e fantasia que permite a reconstrução da realidade com o uso do lúdico. A aluna conseguiu fazer a relação entre a leitura e a vida, mostrando a ampliação de seus horizontes. Na situação acima descrita não houve somente a *poiesis*, mas também a *aisthesis*, pois a aluna não só experimentou o prazer de fazer parte do texto, mas passou a observar melhor o mundo em que vivia e conseqüentemente emergiu no efeito da *katharsis*, que foi tomar um posicionamento diante do que leu e refletiu. Apesar desse resultado positivo, entre tantos outros depoimentos, fica a sensação de que a leitura pode sim ser ampliada, mas ainda atinge uma faceta muito pequena da amostra que tomamos para observação.

Quando passamos para a próxima pergunta, isso ficou ainda mais evidente: “Você acreditou em todos os fatos contados, ou viu exageros?” O debate em torno dessa questão foi longo, pois alguns fugiram da ficção e trouxeram os fatos para a vida real, outros ainda disseram que o fato de conversar com alguém que já morreu se tratava de algo espiritual e que não caberia na discussão porque cada um tem seus valores religiosos e, portanto, não descreveu isto na resposta, mas falou no debate, embora acreditasse no contato com outros seres que já morreram. As respostas de maneira geral chamaram a atenção, como vemos abaixo:

**Leitor 01, 14, F:** Houve exageros, porque, apesar de Bel ser muito criativa, não podia saber o que acontecia no passado e no futuro.

**Leitor 32, 14, F:** Não vi exageros, porque a maioria narra fatos do cotidiano.

**Leitor 02, 14, M:** Acreditei para mim é uma história comum e familiar.

**Leitor 34, 14, F:** Exagero, porque conversar com uma foto não é normal.

**Leitor 14, 14, F:** Sim, acreditei, porque envolve realidade com imaginação.

**Leitor 07, 15, F:** Deixei a minha imaginação levar, acho necessário nos entregarmos para aquilo que estamos lendo, e soltarmos a nossa imaginação.

**Leitor 22, 15, F:** Nem todos teve seu momento de exageros. Trazendo para a realidade, é impossível alguém ter informações do passado sem ter feito uma pesquisa, só ficar sabendo por alguém que está morto e dentro de você, e muito menos ter alguém do futuro falando com você, dentro de você mesmo.

Notamos que a obra oferecida aos alunos permitiu que os efeitos da *poiésis*, *aisthesis* e *katharsis* ocorressem somente em parte, pois trata-se de uma obra esteticamente elaborada e fica claro, no efeito causado nos leitores, que há certa ampliação de seus horizontes de expectativas, mas essa ampliação está nas falas dos leitores pesquisados de maneira indireta.

Não parece haver ainda total noção de que esses elementos estruturantes dão qualidade estética a uma obra e que tornam o texto ficcional único, ou seja, mesmo “tendo percebido que as leituras feitas dizem respeito não só a uma tarefa escolar, mas ao modo como veem seu mundo, os alunos, nessa fase, tomam consciência das alterações e aquisições, obtidas através da experiência com a literatura” (BORDINI; AGUIAR 1988, p. 90). Três das alunas, por exemplo, disseram ter exageros nos fatos narrados por não considerarem normal um diálogo com uma foto e o fato da personagem Bel saber dos acontecimentos passados e

futuros. Estão muito presas às constatações da superfície textual, não enxergando a pluralidade de um discurso ficcional. Uma das alunas acrescenta que só fazendo uma pesquisa para saber sobre seu passado. Nitidamente, está colada a uma suposta “verdade” que o texto literário nem sempre requer e que é bastante claro nas representações de Ana Maria Machado. O que pode ser observado nas falas é que tais alunos não conseguiram avançar além do texto. Quando o leitor entra em contato com a obra, passa a ser um campo de jogo onde todos jogam e cada um em seu espaço cognitivo, pois,

O autor e o leitor participam, portanto de um jogo de fantasia; jogo que sequer se inicia se o texto pretendesse ser algo mais do que uma regra do jogo. É que a leitura só se torna um prazer no momento em que nossa produtividade entra em jogo, ou seja, quando os textos nos oferecem a possibilidade de exercer nossa capacidade (ISER, 1996, p. 10).

Ao analisar a fala da aluna, observamos que ela deixou a imaginação fluir, mas não entrou no campo do jogo e não se entregou totalmente à leitura, tornando-se parte importante no jogo, pois não viu exageros nos fatos e tampouco notou-os. Entretanto, como sabemos, o limite entre fantasia e realidade é muito tênue e fica quase impossível detectá-lo, uma vez que a fantasia se revela como realidade psicológica da personagem. Já alguns outros, conforme pode ser visto, não viram exageros porque consideraram os fatos como algo do cotidiano, comum e familiar.

Por esta razão, é preciso descrever o processo da leitura como interação dinâmica entre texto e leitor. Pois os signos linguísticos do texto, suas estruturas, ganham sua finalidade em

razão de sua capacidade de estimular atos, no decorrer o texto se traduz para a consciência do leitor (ISER, 1996, p. 10).

Essa consciência do leitor é o fecundar do imaginário dos alunos com o que há de melhor em nossas tradições culturais, sociais e educacionais para uma nova geração em que a literatura juvenil brasileira contemporânea cumpre seu papel na função da arte de recolocar o ser frente à vida, transformando-o em indivíduo crítico.

No decorrer do debate, os alunos continuaram participando ativamente e consideramos importante indagar sobre as ilustrações da obra, uma vez que esta faz parte do contexto da narrativa. Observamos, então, em que medida nos aspectos da recepção foram contempladas as ilustrações do livro. Fizemos a seguinte pergunta: “O trabalho do ilustrador agradou a você?”. Por conseguinte, tivemos diferentes opiniões.

**Leitor 01, 14, F:** Não, porque prefiro imaginar por mim mesma os fatos, cenários e personagens.

**Leitor 35, 14, M:** O trabalho não é ruim, mas prefiro desenhos mais reais ou mais estilo cartoon ou anime.

**Leitor 32, 14, F:** Sim, retrata os tempos antigos, o tipo que me agrada.

**Leitor 34, 14, F:** Nada agradou, não existe diálogo entre uma pessoa e uma foto.

**Leitor 27, 14, F:** Sim, porque ele colocou imagens em preto e branco e também desenhos rústicos, isso deu um ar de passado.

**Leitor 36, 14, F:** Sim, eu só não gostei de tudo em preto e branco, queria ver mais cores nas ilustrações. Ainda mais que a obra retrata também a modernidade.

**Leitor 05, 14, F:** Sim, pois, ajuda a imaginar ou viver realmente a história.

**Leitor 37, 14, M:** Sim, o que Isabel está pulando o muro. O desenho de retrato porque ele é assustador.

**Leitor 15, 14, F:** Sim, gostei de leque na capa e do da foto da menina.

**Leitor 06, 14, F:** Sim, o autor quis mostrar um pouco do passado, presente e futuro. Pelo fato de colocar a capa colorida e as páginas em preto e branco. Não achei nada que me desagradou.

**Leitor 38, 14, M:** Eu li a obra virtualmente então não tive contato com as ilustrações.

**Leitor 07, 15, F:** Sim, a ilustração suave e delicada, parecia que haviam sido feitas a lápis, em preto e branco, as mesmas lembram ao passado, o que favoreceu uma apreciação reflexiva do que se vê.

**Leitor 22, 15, F:** Me agradou bastante, pois com as ilustrações é possível completar partes da sua imaginação pessoal.

Com diferentes opiniões, esse grupo de alunos chamou atenção para mostrar que a ilustração tem uma função. Para alguns, as ilustrações agradaram porque houve coerência entre a narrativa e as imagens, fazendo alusão ao tempo da bisavó, como afirma a aluna: “a ilustração suave e delicada, parecia que haviam sido feitas a lápis, em preto e branco, as mesmas lembram ao passado, o que favoreceu uma apreciação reflexiva do que se vê”. Note que outro aluno diz: “o trabalho não é ruim, mas prefiro desenhos mais reais ou mais estilo cartoon ou anime”, fazendo a inserção do gosto, de sua preferência nesse tipo de narrativa, destacando a modernidade. Outra aluna discorre o seguinte: “eu só não gostei de tudo em preto e branco, queria ver mais

cores nas ilustrações. Ainda mais que a obra retrata também a modernidade”. Nesse caso, a aluna compreende a ilustração, como também é capaz de perceber a distância temporal que há entre ela e o livro lido. Essa foi, portanto, uma das poucas respostas próximas da interpretação do texto imagético, alcançando as funções da *poiésis*, *aisthésis* e *katharsis*. Acrescentamos ainda que:

O texto imagístico pode se opor ao que diz o texto com palavras, caso em que escritor e ilustrador utilizam, diferentes qualidades de suas respectivas artes para comunicar informações diversas. Quando isso ocorre, pode-se dizer que os textos visual e verbal do livro se relacionam ironicamente, um contradiz ou subverte o que diz o outro (CADEMARTORI, 2012, p. 18).

Podemos afirmar, mesmo que ainda parcialmente, que certos alunos conseguiram sair da zona de conforto e pensar além do que o livro propôs e certamente a função da ilustração é contribuir para ampliar o horizonte de expectativas desse leitor. Para finalizar a questão da ilustração, vale observar um último depoimento: “Nada agradou, não existe diálogo entre uma pessoa e uma foto”. Essa aluna não gostou das ilustrações, pois parece ter comprometido sua interpretação, por não conseguir relacionar o texto verbal e o não-verbal. Percebemos nessa fala justamente o que afirmamos: a aluna permaneceu onde estava em relação ao texto, não atingindo nem mesmo superando suas expectativas.

Caminhando para o final da aplicação do método recepcional, fizemos o seguinte questionamento aos alunos: “O final da história foi inesperado, ou já podia ser previsto no início da história?”. Com esta pergunta pretendíamos dar conta dos

objetivos da pesquisa, porque através dela nos certificariamos se, mesmo estando amparados por uma obra esteticamente elaborada, como apresentamos no terceiro capítulo, ela oferecia ao leitor espaço para este participar de sua construção, tornando-se uma espécie de “coautor” do texto. Observamos abaixo as diferentes participações na compreensão desse desfecho.

**Leitor 16, 14, F:** Inesperada, porque no começo ela não imaginava conversar com uma foto.

**Leitor 08, 14, M:** Inesperado, porque eu achei que quando ela encontrasse a foto a bisavó e a bisneta ia desaparecer.

**Leitor 10, 14, M:** Previsível, pois a professora não seria capaz de roubar a foto e sim devolvê-la.

**Leitor 35, 14, M:** O final poderia ser previsto no meio do romance, quando ela começa a conversar com: Bia e neta Beta.

**Leitor 32, 14, F:** Inesperado, porque ao longo do livro surgem muitas surpresas.

**Leitor 11, 14, M:** Era como uma história comum, já era previsto.

**Leitor 39, 14, F:** Foi inesperado, porque pensei que ela iria parar de falar com sua bisa.

**Leitor 40, 14, F:** Eu acho que foi inesperado contar um segredo.

**Leitor 41, 14, F:** Foi inesperado, devido ao encontro do retrato e também a aparição da Neta Beta.

**Leitor 12, 14, F:** Inesperado, porque achei que as vozes saíam da cabeça de Bel.

**Leitor 04, 14, F:** Já era previsto, só porque a história acaba não quer dizer que a imaginação dela tenha fim.

**Leitor 06, 14, F:** Foi inesperado, porque não dava pra imaginar que ela escutaria a voz de sua bisneta.

**Leitor 38, 14, M:** Acho que não, mas por conta de eu não ter muito contato com obras desse gênero.

**Leitor 14, 14, F:** Inesperado, pois não sabíamos se as três iam se entender no final da história.

**Leitor 22, 15, F:** Foi inesperado. Eu não poderia imaginar que ela teria dentro dela a neta também e que ela encontraria a fotografia.

Observe-se que da totalidade das respostas, a grande maioria achou inesperado o final. O texto ficcional, portanto, obteve êxito por deixar em aberto ao leitor os caminhos a vislumbrar.

Desse modo, concluímos que a ligação dos elementos apresentados no livro, como a compreensão dos temas, dos personagens, dos aspectos formais, a ilustração e o final do livro fizeram com que a leitura não se caracterizasse apenas como atividade mecânica, ou seja, pelo menos não destrói as virtualidades do leitor em contato com o texto. Ao contrário, acreditamos que as questões estimulam a criatividade e espontaneidade da leitura, desmistificando a inércia interpretação que muitos pensam estar entre o certo e o errado.

Diante da natureza estética, valorizamos aspectos para além daqueles que são utilizados usualmente, como simplesmente a observação dos aspectos linguísticos; é necessário que se encene e que se crie um discurso que pense a língua de forma mais ampla, conforme diz Barthes (2015, p.19): “Se aceito julgar um texto segundo o prazer, não posso ser levado a dizer: este é bom, aquele é mau. Não há quadro de honra, não há crítica, pois esta

implica sempre um objetivo tático, um uso social e muitas vezes uma cobertura imaginária”.

### **Por fim..., mas não finalmente!**

Por ser bastante metafórico, o texto é passível de vários níveis de interpretação, que variam conforme a bagagem literária e de vivências de cada indivíduo. De acordo com Iser (1996), o leitor é cúmplice e colaborador no processo de leitura, pois o significado é construído entre texto e leitor. Essa narrativa propicia uma leitura inovadora, pois tem graus de indeterminação, oferece uma rede de perspectivas para o leitor abrir. “Assim pode ser dito que a indeterminação é a pré-condição fundamental para a participação do leitor” (ISER, 1996, p.13).

Diante dessa participação, as falas nos remetem a perceber que a literatura oferecida na escola deve ser cuidadosamente observada, pois quando se trata de uma obra elaborada, pode significativamente ajudar na formação do leitor. Este consegue romper, questionar e ampliar seus horizontes de expectativas, consegue melhorar o nível de conhecimento e fazer com que a instituição escolar cumpra seu papel emancipador, pois, notadamente verificamos o quanto a literatura tem o poder de humanizar o ser, viver sensações, fazer refletir e assim provocar mudanças no indivíduo diante de sua própria realidade. Como diz Antonio Candido (1972), a literatura não *corrompe* nem *edifica*; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de e BORDINI, Maria da Glória. *Literatura e Formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BARTHES, R. *O Prazer do Texto*. Perspectiva S. A., 6ª ed. São Paulo, 2015.

CANDIDO, Antonio. *A Literatura e a Formação do Homem*. São Paulo: Ciência e Cultura, 1972.

CADEMARTORI, Ligia. *O que é Literatura Infantil*. 2ª edição. São Paulo: Brasiliense, 2012.

ISER, Wolfgang. *O Ato da Leitura: uma teoria do efeito estético*. São Paulo: Editora 34, Trad. Johannes Kretschamer, 1996, v. 1.

LIMA, Luiz Costa (org.). *A Literatura e o Leitor: Textos de Estética da Recepção*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

MACHADO, Ana Maria. *Bisa Bia Bisa Bel*. São Paulo: Moderna Ltda, 2002.

MACHADO, Ana Maria. *Silenciosa Algazarra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

PEREIRA, Maria T. Gonçalves; ANTUNES, Benedito. (Orgs). *Trança de Histórias: a criação literária de Ana Maria Machado*. São Paulo: UNESP; Assis – SP. ANEP: 2004.

ZILBERMAN, Regina. *Como e por que ler a Literatura Infantil Brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

Recebimento: 22/08/2022

Aceite: 01/02/2023